

ANTROPOLOGÍA DEL CUERPO

Revista del Grupo Internacional de Investigación de Antropología del Cuerpo

PAIDEIA, ARETÊ E DESPORTO: UM RESGATE INDISPENSÁVEL

PAIDEIA, ARETÊ AND SPORT: AN INDISPENSABLE RESCUE

Alberto de Oliveira Monteiro¹; Beatriz Oliveira Pereira²; Eduardo Klein Carmona³; Leonardo Palma Monteiro⁴

RESUMO

Este estudo teve o objetivo de interpretar nas narrativas de atletas de futebol da categoria profissional a manifestação de alguns princípios e valores identificados com a ideia da aretê e da Paideia. O corpus do trabalho foi construído através de um discurso sobre o desporto, no qual elaboramos, a partir da categoria Sabedoria, cinco sub-categorias nas quais constam algumas dimensões instaladas num processo de educação em valores: Sensatez, Perseverança, Moderação e Prudência, Justiça e Modestia e Humildade. Foram entrevistados três atletas que participaram de competições da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA). Os desportistas consultados, ao empreenderem uma busca por aperfeiçoamento e superação, acabam por trilhar um caminho de autoconhecimento. Deste modo, são capazes de elaborar um conjunto de ideias, sentenças e palavras que, por intermédio da hermenêutica, foram possíveis de serem analisadas, discutidas e tornadas evidentes, à luz da sabedoria que decorre da sua prática desportiva.

Palavras-chave: Valores humanos. Esporte. Futebol. Filosofia.

1 Doutor em Educação Física e Lazer pela Universidade do Minho (UMINHO). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. E-mail: oliveira.monteiro@ufrgs.br

2 Doutora em Estudos da Criança pela Universidade do Minho (UMINHO). Professora da Universidade do Minho (UMINHO), Portugal. E-mail: beatriz@iec.uminho.pt

3 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. E-mail: eduardok.carmona@hotmail.com

4 Graduando em Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. E-mail: leopmonteiroche@gmail.com

ABSTRACT

This paper aims to interpret the manifestation of some principles and values identified with the idea of aretê and Paideia, from narratives of professional soccer players. The corpus of this study was constructed through a discourse about sport that we elaborated from the category Wisdom, with five subcategories with the dimensions for a education process in values: Good sense, Perseverance, Moderation and Prudence, Justice and Modesty and Humility. Three athletes that participated on the União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) competitions were interviewed. These players, always seeking to improvement and refinement, found a way for self-consciousness. Thereby, they are capable to elaborate a set of ideas, sentences and words that, intermediated by hermeneutic, were possible to analyze, discuss and evince, in the light of the wisdom that emerged of their practice of sports.

Keywords: Human Values. Sport. Soccer. Philosophy.

1. INTRODUÇÃO

Antes de tudo, sabemos muito bem que não é fácil apresentar, no espaço de um artigo, uma discussão sobre uma obra de tamanho vulto e profundidade como àquela que encontramos no interior da Paideia. Além disso, procurar estabelecer relações entre os princípios, as normas, os costumes e os valores ligados à Paideia e à prática desportiva não é, na atualidade, algo muito comum entre os pesquisadores, pedagogos, professores de educação física, treinadores e praticantes de diferentes desportos.

Entretanto, considerando os desafios que nos são impostos pelos tempos atuais, parece-nos interessante voltar as nossas meditações para um período que foi considerado como o período clássico da história e apogeu cultural da humanidade – a Grécia Antiga –, especialmente no que tange ao seu processo de desenvolvimento de um fenômeno imperecível, como é o caso da educação, cujo pilar central era a valorização do Homem. Aliás, segundo Jaeger (2003), a educação, como valor, só começou existir a partir dos gregos antigos. Jaeger (2003) entendia a Paideia (inicialmente, tida como cuidado com as crianças) como um processo de educação, especialmente humano, e de formação: ativo e coletivo. Um sentimento universal, ou expressão do espírito, em direção ao que os antigos conheciam como aretê (*ἀρετή*). As tentativas de se traduzir a palavra aretê para os mais diversos idiomas, resultou numa atenuação do profundo sentido que a mesma continha

para os gregos antigos. Hoje, as palavras virtude, excelência e supremacia são os termos mais utilizados, na língua portuguesa, para designar o seu significado. Entretanto, no contexto da dimensão humana, verificamos que ela é a possibilidade que o Homem tem de ser excelente – moral, intelectual, física, espiritual e praticamente (Kitto, 1990), ou seja, do ponto de vista prático é viver e praticar aquilo que se prega: as palavras devem ser espelhadas pelas ações, assim como as ações devem espelhar as palavras.

Na Grécia Antiga, havia uma especial sensibilidade aos valores vinculados à aretê e a sua escala de valores que eram os princípios dos quais derivava toda a educação do homem grego (Paideia). Neste cenário cultural, o desporto se apresentava como uma tarefa de essência pedagógica a qual consistia em aprimorar e exaltar valores.

A aretê pode revelar, a partir de cada período de manifestação, alguns dos mais profundos sentidos e significados dos desportos. No tempo de Homero e Hesíodo, encontramos e identificamos alguns dos mais significativos atributos vinculados à educação aristocrática, expressos por um rosário de aretai (plural de aretê), como: nobreza, valentia, vigor físico (força, velocidade e resistência), disciplina e determinação, trabalho, superação, entre outros (Jaeger, 2003; Ferreira, 1996; Kitto, 1990; Marrou, 1969). A questão é simples: qual é o atleta desportivo que pode prescindir dessas qualidades nas tarefas de treino e de competição? Resposta fácil: nenhum. O exemplo também é simples: para o caso de uma ação tática defensiva (futebol, basquetebol, handebol, etc.), na maioria das vezes, necessita-se de atletas determinados, valentes e corajosos, disciplinados (Monteiro, 1995) e, além disso, esforçados e trabalhadores – tanto nos treinos quanto nos jogos de confronto –, enfim, um exemplo de superação.

Era na estrutura social da pólis que acontecia a vida comunitária e, com isso, uma ampliação da cultura clássica. Esse espaço é tido como o centro irradiador de todas as virtudes (aretai), já que, entre elas, encontramos a amizade, a cooperação e a solidariedade. Nesse tempo, o atleta desportivo era o real representante de sua cidade e, como tal, “eram recebidos com festejos nas suas cidades e cumulados de honras” (Ferreira, 1996:299). Com isso, verifica-se que, nos desportos, tanto ontem como hoje, se desenvolve, a partir da competição, um sentido de organização coletiva entre os distintos integrantes dos diversos clubes, das diversas comunidades, das diversas culturas, de diversos sentimentos e outras diversidades, os quais estão disponíveis e entretidos na natureza universal dos desportos, uma vez que, entre outras acentuações a “competição é uma força socializadora, porque para competir precisa-se dos demais: ninguém compete só” (Savater,

2000:97). Pela competição aprende-se a cooperar, sendo a cooperação a base de uma duradoura relação de companheirismo; nesses domínios, a criança, o jovem e o adulto aprendem, desenvolvem e aprimoram os sentidos de amizade, solidariedade, comunhão, etc. Trabalhar juntos ajuda a conseguir coisas importantes e, além disso, os adversários são dádivas valiosas que nos ensinam a desenvolver atributos físicos, motores, emocionais, psicológicos e espirituais que, talvez, não se conseguisse sem eles (Lynch; Al Huang, 1998). Do ponto de vista ético, importa que os adversários se exijam mutuamente, e é por essas razões que, nos fundamentos do desporto, provavelmente encontremos a síntese de múltiplas determinações sociológicas, axiológicas e culturais, e é na síntese múltipla dos diversos jogos que se compõe a dialética da existência humana (Murad, 2006). É no clube desportivo, no estádio, na pista, na piscina, ou em qualquer outro espaço em que se perfila o desporto que surge algo de comunitário, alinhado aos valores de solidariedade, amizade, sacrifício pelo bem comum e os princípios da ética, além de outros valores especialmente caros à humanidade.

Foi, então, através de Sócrates – primeiramente –, Platão e Aristóteles que a aretê passou a ser considerada como virtude: são elas, nos diálogos de Platão, a sensatez, a perseverança, a prudência, a justiça, a modéstia, a sabedoria e, além da preocupação constante em elucidá-las, essas virtudes (aretai) são à base da educação do homem ideal que estaria a serviço da cidade ideal. Por essa via, ocorre-nos a intenção de estabelecer a relação entre as virtudes (aretai) socráticas e o desporto, relação está que, a nosso ver, demonstra a abrangência do cariz educativo (paidêutico) estabelecido, desde há muito, no âmbito da prática desportiva.

Observando os princípios e valores da aretê e da Paideia, podemos considerar que o desporto erigiu pontes entre as distintas culturas e entre os tempos remotos e atuais, uniu culturas e gerações, construiu caminhos que aproximou os homens dos homens, e esses dos deuses. Sob essa luz, Garcia (2006) alerta que, para se conquistar uma vitória, é necessário aceitar e ter como limite a dignidade humana. Nessas condições, não temos receio de comunicar que o desporto só deve ser praticado, quando se exaltam os valores que edificam a formação e a dignidade humana, como queria a antiga Paideia.

Desta forma, considerando a unidade do desportista (humanidade, singularidade, subjetividade e seus valores) como foco de investigação, este estudo teve o objetivo de interpretar nas narrativas de atletas de futebol da categoria profissional a manifestação de alguns princípios e valores identificados com a ideia da aretê e da Paideia.

Desta maneira, o corpus do trabalho foi construído através de um discurso sobre o desporto, no qual elaboramos, a partir da categoria Sabedoria, cinco sub-categorias nas quais constam algumas dimensões instaladas num processo de educação em valores: Sensatez, Perseverança, Moderação e Prudência, Justiça e Modestia e Humildade.

Pelo que foi exposto nas entrevistas, consideramos que os valores citados (especialmente aqueles apresentados pela aretê, visto a partir de diversas grandezas, e no caso deste estudo, a da Sabedoria) estão entre os mais sublimes conteúdos da formação humana (Paideia); uma experiência, uma aproximação e uma tentativa, pela sua transversalidade, de unidade do ser humano.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Processo de recolha de informações

Para realizar este estudo, entrevistamos atletas de futebol da categoria profissional. Essas entrevistas foram do tipo semiestruturadas, uma vez que, enquanto instrumento de recolha de informações, possibilita à pessoa revelar em liberdade discursiva as suas referências normativas, sistema de valores, experiências e símbolos (Campenhoudt; Quivy, 2003). Como o estudo visa especialmente identificar valores ligados à prática desportiva destes atletas, a escolha das entrevistas semiestruturadas deveu-se por dois motivos: 1) no contexto da investigação social é consenso de que a entrevista é um instrumento que garante autenticidade e profundidade às informações recolhidas; 2) porque é pela

análise do sentido que os actores dão as suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêem confrontados os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências (Campenhoudt; Quivy, 2003:193).

2.2 Grupo estudado

O grupo que integrou este estudo foi composto por três atletas profissionais de futebol (**P1, P2 e P3**), de alta competição, do sexo masculino e que haviam participado de competições da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA): uma das seis confederações continentais da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA). Essa entidade organiza desde 1955/56 a competição conhecida como Liga dos Campeões Europeus, a *UEFA Champions League*. Para participar da nossa investigação, nossos entrevistados deveriam ter disputado uma competição deste nível.

2.3 Construção das entrevistas

Para a construção do roteiro de entrevista seguimos os seguintes passos (Garcia, 2005):

1. Revisão bibliográfica exaustiva a fim de isolar as grandes categorias das quais emergiram as perguntas a realizar nas entrevistas;
2. Elaboração de um primeiro modelo de entrevista;
3. Sujeição desse modelo a um corpo de peritos;
4. Introdução às alterações sugeridas pelos peritos;
5. Entrevistas a elementos do universo do estudo a fim de verificar o grau de compreensão destes relativamente às perguntas e do grau de adequação das respostas às expectativas do pesquisador;
6. Discussão dos resultados obtidos com o corpo de peritos que entendeu introduzir novas alterações ao modelo;
7. Repetição dos passos 5 e 6;
8. Aplicação do roteiro de entrevista.

2.4 Aplicação das entrevistas

As entrevistas foram aplicadas na residência de cada um dos jogadores. Todas foram recolhidas através de gravador digital e, além disso, registramos anotações acerca da conduta do entrevistado. Devido a não existência de comissões de ética no campo das Ciências do Desporto, em Portugal, seguimos as recomendações do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (Declaração de Helsinque modificada em Edimburgo, outubro/2000).

2.5 Procedimento analítico

Diante dos objetivos estabelecidos para o estudo e ao instrumento de coleta de informações, os procedimentos analíticos situaram-se no reduto que designamos vulgarmente de “análise qualitativa”. Tudo o que os atletas declararam é de fato a expressão do que preconizam e sentem de forma explícita, como também a representação implícita (latente) de sentimentos inconscientes, de que resulta a necessidade de um esforço intelectual para a sua interpretação. Desta forma, enveredamos por um tipo de análise próximo da hermenêutica, aportada por autores do campo da filosofia. De acordo com Ricoeur (1989), toda “linguagem é metafórica”; portanto, essa comunicação, transformada em texto, apresenta uma subjetividade a qual possui uma rede própria

de significações, valores e ideais.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO: A EMPIRIA TRANSFORMADA EM DIÁLOGO

3.1 Sabedoria

Em nosso trabalho, a categoria sabedoria surge pelo fato de que a sabedoria é uma das aretai que pode ser considerada sob duas circunstâncias: é um pré-requisito para o bom uso das demais virtudes (sensatez, perseverança, moderação e prudência, justiça e modéstia e humildade); por mais bem-intencionado que seja o indivíduo, sem a mediação da sabedoria, pode cometer erros e males. E, em outro passo, é na sabedoria que se encontram todas as virtudes éticas; o homem virtuoso possui um sólido discernimento sobre a felicidade e o bem-estar humanos (Kenny, 2003); então, “o fundamento para a unidade das excelências é o saber” (Caeiro, 2002:132). Logo, a sabedoria, como saber, possui uma identidade particular e outra geral.

Embora Sócrates, no diálogo com Protágoras, se contraponha ao sofista, salientando que a aretê não era um conteúdo ensinável, na verdade, durante o debate “Protágoras ignora a tese de Sócrates de que a virtude é um saber” (Jaeger, 2003:634), conforme se pode notar na pergunta de Sócrates: “Então, sabedoria e coragem também são partes da virtude?”. Ao que Protágoras respondeu: “Certamente, as mais importantes de todas, e a sabedoria é a maior dessas partes” (Platão, 1999:330^a) e, mais tarde, Sócrates continua: “Serão, então, a sensatez e a sabedoria uma só? Já antes nos pareceu também que a justiça e a piedade eram próximas [...]” (Platão, 1999:333b). Desse modo, “Sócrates, que não achava a virtude suscetível de ser ensinada, agora busca provar por todos os meios que a virtude é, por todas as formas, um saber” (Jaeger, 2003:644). E se é um saber é porque pode ser ensinada. Contudo, o que fica expresso é que esse saber, como conhecimento, é possível ser demonstrado dialéticamente e a verdadeira virtude (aretê), como objeto dessa investigação, “é una e indivisível” (Jaeger, 2003:566). Com essas considerações sobre a sabedoria na perspectiva socrática, lembramos também que um dos costumes de Sócrates era o de perambular pelos ginásios, praticando exercícios e conversando, discutindo, investigando e destilando sabedoria junto à juventude ateniense. Através do diálogo hermenêutico, vamos tentar aproximar os antigos filósofos gregos – e a visão de sabedoria – a uma pequena parcela de atletas desportivos dos dias atuais – e ouvir as suas ponderações, escolhidas por nós, sobre assuntos que apontam, requerem ou afirmam conteúdos ligados à sabedoria.

Há muitas maneiras de se definir a sabedoria, mas para o nosso estudo, consideramos um tipo de sabedoria que Aristóteles chamou de prática. A sabedoria prática relaciona-se com uma determinada capacidade, ou competência, verdadeira e raciocinada de agir; os dotados de sabedoria prática podem ver e fazer o que é bom para si e para os homens em geral (Aristóteles, 2004:5-10, 1140b). Por isso, no contexto desportivo, achamos que seria interessante uma discussão que incorporasse o pensamento de um alto ideal relacionado à demonstração do saber que possivelmente possa derivar do saber-fazer da prática desportiva, ou seja, um conhecimento que emana de uma experiência real: um conhecimento que uma vez adquirido parece ser a chave para se ponderar e revelar as camadas mais profundas de uma educação que emerge, a partir da sabedoria prática, na seara desportiva. Afinal, o desporto é mais do que um produto da técnica, do utilitarismo e da economia.

Considerando o conhecimento como fio condutor da sabedoria, constatamos que há, na leitura dos diálogos de Platão, uma fonte na qual jorra a Paideia grega como exaltação do conhecimento, pois, na Grécia, “o ímpeto de conhecer e a fé no conhecimento” (Jaeger, 2003:564), eram a expressão do modo de ser daquele povo. O conhecimento é uma forma de saber e de transcendência em relação ao estado de ignorância. Dizem os antigos que mais sábio é aquele que aprende com a experiência dos outros; no desporto, com o objetivo de desempenho excelente, convém aprender também com a própria experiência.

3.2 *Sensatez*

Uma das teses que mais foi abordada pelos antigos filósofos dizia respeito ao fato de a aretê ser possível, ou não, de ser ensinada. Particularmente, no diálogo Protágoras, essa questão foi extensamente abordada. Foi também, nesta obra, que o sofista Protágoras e o filósofo Sócrates (pela pena de Platão) discorreram sobre a relação entre o todo e as partes que compunham a aretê. Partindo desse princípio, encontramos no discurso dos atletas de futebol algumas referências que podem fazer-nos refletir sobre o tema da discussão entre Sócrates e Protágoras: *E você fazendo desporto... é onde você consegue encontrar essa sabedoria também.*

[...] O coletivo te traz um pouco de senso responsabilidade, senso de respeito pelas pessoas... ter noção de que o seu espaço é esse e o espaço do outro é aquele, e saber respeitar esse lado (P3).

Uma das partes da aretê, discutidas por Sócrates, é justamente aquela em que ele fala sobre a

sensatez: “[...] os homens agem de modo correcto e útil, [...], ao agir assim, agem com sensatez [...]” (Platão, 1999:332a). Esse modo de ver a manifestação da sensatez foi incorporada por diferentes pessoas, em diferentes espaços de tempo, condição e atribuição. No futebol, encontramos nas palavras de **P2** a manifestação da sensatez:

Abdicando de coisas que pode te prejudicar no futuro, você [...] às vezes, foge de [...] estar no caminho errado, de partir pra uma [...] vamos dizer assim [...] ter um caminho errado como o das drogas, como o do roubo [...] então, você se abdica dessa parte do mundo ruim da vida [...] e entra numa parte totalmente ótima, saudável. É praticar esporte, tentar dar uma condição financeira pra você e pra tua família... Então, seu pensamento vai ficar sempre no esporte e do estudo.

Pelo que podemos perceber nas exposições de **P3** e **P2**, ambos os atletas indicam, do mesmo modo que aconselhou Sócrates, uma maneira de agir correta e útil. Portanto, estamos diante de duas narrativas que contemplam a sensatez, uma das virtudes socráticas. Durante o diálogo, o filósofo esforça-se para provar que as virtudes particulares estão contidas no conhecimento (sabedoria), como no caso sensatez e sabedoria, justiça e piedade, coragem e sabedoria. Por isso, somos forçados admitir que, no modo de aqueles atletas agirem, existe indícios de uma sabedoria, forjada pelo conhecimento prático, conforme um deles aponta: “*é onde você consegue encontrar essa sabedoria também*” (**P3**). E ambos fazem coro acentuando de que isso decorre do “*fazendo desporto*”, ou “*entra numa parte totalmente ótima, saudável. É praticar esporte [...]*” (**P2**). Podemos, assim, vislumbrar a possibilidade de interpretar as duas questões da obra de Platão: a primeira, como já vimos, se a aretê poderia ser conquistada através do treino e da aprendizagem, como nos disponibiliza o **P1** quando fala da sua experiência: “*Eu posso dizer que estou mais tarimbado, mais experiente pra não perder pra mim mesmo*”; ou, se era o resultado da herança de sangue, transmitida de pais para filhos no seio das famílias nobres. Quando observamos as palavras “*fazendo*” ou “*praticando*”, entendemo-las como: através de, ao longo de um determinado período de tempo e através de algo; neste caso, através do desporto. Por isso, avaliamos que um dos espaços de excelência para o aprendizado da aretê sensatez é o do desporto. A segunda é a respeito da unicidade, ou não, das virtudes socráticas. Essa relação pode ser percebida nas palavras de **P3**, pois o atleta descreve uma relação entre a sabedoria (pelo menos um tipo de conhecimento) e o senso de responsabilidade, de respeito, de consideração e do bom senso de não exagerar na análise. Acrescenta-se a isso o fato de que condutas indicadas pelos desportistas acontecem no interior de um universo coletivo do futebol, portanto, de múltiplas relações e de difícil controle. Nesta perspectiva, acreditamos que através da prática desportiva – e a experiência de seu universo –

conquistam-se a excelência e a virtude assim como a possibilidade de encontrar um dos caminhos na arte de viver, legado de Prometeu (Platão, 1999:321d) à luz da aretê.

3.3 Perseverança

Quando estamos diante de uma dificuldade, temos que disponibilizar energia e sabedoria para transpô-la, ao mesmo tempo em que procuramos sair ilesos desses infortúnios. Essa é uma questão de vida e, habitualmente, somos confrontados com essa experiência. Para o desportista **P3**, a forma como ele enfrenta esses momentos é desta maneira: “*Eu sou muito de decidir assim: penso e decido! Tenho que resolver e a única forma de resolver é ir batalhando e também a vida pessoal é um pouco isso*”. Aparecem aqui algumas observações interessantes sobre o modo de lidar com a experiência de dificuldades: a decisão pensada e a perseverança (“*é ir batalhando*”). Para Caeiro (2002:435) a sensatez é a “*excelência da deliberação-escolha*”, e quanto àqueles que possuem a excelência da perseverança, o mesmo autor destaca que o seu detentor

abre o seu coração para um sentido que vai para além de tudo quanto surge com o vigor do instante presente – para além do medo, do receio, do que é desagradável e doloroso [...], vê com horror o que seria pôr-se em fuga, sem qualquer tentativa de reacção e de combate [...] (Caeiro, 2002:182).

De forma similar, o **P2** fala da atitude de um dos seus companheiros de clube: *Esse companheiro meu [...] Ele, na verdade, quase não jogava, ficava esquecido, mas todas às vezes ele treinava era com muita vontade, ele treinava com muito afinco, se dedicava totalmente aos treinos e a idade foi chegando e ele precisava se profissionalizar. Esse jogador que estava esquecido [...] com os treinamentos [...] esse jogador acabou tendo sucesso, porque ele sempre teve força de vontade, sempre acreditou nele mesmo e treinou, treinou dedicadamente.*

É deste modo, confrontando esses momentos de dificuldades nos desportos, que nos habituamos a resistir-lhes e vamos construindo o nosso modo de estar e a maneira de ser no dia-a-dia desportivo e também na vida pessoal. Como ninguém luta ou batalha sem a presença da coragem, encontramos nessa simples resposta uma composição que interrelaciona algumas das virtudes socráticas, como a perseverança, a sensatez, a coragem e a sabedoria.

Nessas mesmas considerações, **P3** amplia a questão quando indica: “*Eu não procuro ficar muito lamentando. É como no futebol: se eu estou mal, eu não vou me lamentar pelo treinador, pela imprensa, ou por isso, ou por aquilo*”. Além da demonstração de sensatez ao tratar do problema (não expondo pessoas e instituições diante de uma dificuldade que ele reconhece como

sua), essas palavras lembram uma elucidação de Kitto (1990:285) sobre os antigos e originais ideais da aretê: “Assim o herói da Odisseia é um grande combatente, [...] e grande sensatez, que sabe aguentar o que os deuses mandam, sem se queixar muito [...]”, e conclui, dizendo que nestes “a sua aretê é superior”. **P3** credita a concretização do seu êxito a “*uma grande virtude, que eu consegui chegar até onde eu cheguei um pouco por isso, por essa persistência, por essa [...]. Então eu acho que foi um pouco a persistência que fez, eu consegui ter algum sucesso na minha carreira*”.

3.4 Moderação e Prudência

A moderação é uma das virtudes enfatizadas pelos antigos filósofos atenienses. Essa afirmação é fácil de ser confirmada, quando observamos nas obras de Aristóteles uma preocupação, quase que constante, de enaltecer o meio, o meio-termo, o equilíbrio, a prudência... (Ética a Nicômaco e Política). Sabemos que o treino desportivo é constituído de uma alternância de esforços (intensos e leves), os quais estão em consonância com as orientações (poderia ser de fisiologia do esforço) aristotélicas. Entretanto, a maioria das pessoas conhece os esforços de grande intensidade desenvolvidos pelos atletas. Mas, o que passa mais despercebido é o caráter da moderação desenvolvido pelos atletas, ao longo da sua vida desportiva: “*Os cuidados que eu tenho é procurar descansar sempre, um pouco, não exagerar [...]. E se eu não fizer, eu sei que [...], não é só psicologicamente, mas sei que chego no jogo não tão bem quanto devia*” (**P3**). Podemos verificar que nos poemas de Teógnis, recuperados por Pereira (1982:141), havia um recado para atletas como o **P3**, e estava assim: “Não te esforces demasiado, o meio é sempre melhor. Assim possuirás um mérito (aretê) que é difícil de alcançar”. **P3**, Aristóteles e Teógnis não pertencem à mesma equipe desportiva, mas o modo de agir e de ver a moderação fazem-nos uma equipe de sabedoria.

3.5 Justiça

Dentre os problemas vividos atualmente pela humanidade estão os relacionados com as questões da justiça. A sensação de injustiça e a própria prática da injustiça requer muita atenção por parte não só dos magistrados, políticos, organismos nacionais e internacionais, mas, especialmente, dos educadores, pais e instituições de educação. A tendência para uma educação comandada pela relatividade de valores, e mesmo ausência destes, constitui-se num dos maiores desafios da nossa civilização moderna. E, sendo assim, é imprescindível realizar, descobrir, debater e disseminar

estudos que, de alguma forma, possam diminuir a ferida arraigada no seio da justiça. Temos a sensação de que a principal causa por que as pessoas não se envolvem nos empreendimentos coletivos, está relacionada com a idéia de fragilidade da nossa justiça (pessoal, coletiva e institucional). Esse não é um problema de agora, mas vem-se avolumando. Como seria essa discussão à luz dos discursos de atletas desportivos é a nossa empreitada de agora.

Uma das maiores preocupações dos antigos gregos era destacar a importância da justiça. Quase toda literatura clássica desfila uma grande quantidade de debates, argumentações e teses a respeito da justiça, a qual consideravam como uma das maiores virtudes (aretê) e sabedoria, especialmente quando a pólis passou a ser o centro organizador e potencializador da vida dos homens. A partir daí que “o conceito de aretê passa a se vincular, intimamente, ao conceito de justiça (*dikê*), e o herói fundador passa a ser celebrado como herói legislador (*nomotêthes*), como no caso exemplar de Sólon” (Vaz, 2004:22). A justiça era de tal forma importante para o modo de viver do grego que levou Sócrates (Platão, 1998:73b) a considerar que “o homem e a mulher, caso andem a tentar ser bons, necessitam das referidas qualidades, isto é, da justiça e da sensatez”. Tentar ser bom é não praticar nenhuma injustiça contra alguma coisa ou alguém: “*Injustiça é uma coisa que não vem de Deus, [...]. Isso aí é uma coisa [...] é um pecado muito grande que se comete na terra: ser injusto com uma pessoa*” (P2). Olhando o panorama da justiça, em particular a desportiva, podemos considerar que a mesma procura, através de leis, regras e normas, organizar o desporto de acordo com a idade, o sexo, a categoria, o peso, a possibilidade (caso dos portadores de necessidades especiais, ou não), entre outros, para que a competição entre os atletas possa ser considerada entre pares - em igualdade de condições e de justiça. Mesmo sendo assim, parece que a sensação dos atletas é diferente conforme o P3 nos relata: “*No futebol há muita injustiça*”. Ao que tudo indica, é nas relações interpessoais e institucionais que reside o problema: “*Eu achei injustiça, depois eu fui falar com ele e acabamos até discutindo, mas depois...ele pediu desculpas pra mim e eu também pedi desculpas pra ele; mas, eu no momento achei injustiça. Isso que aconteceu com o fulano*” (P1). Esse mesmo atleta ainda expõe uma outra questão: “*Muitos clubes acontecem isso hoje que existem muitos problemas e [...] Estrutura, problemas de salários atrasados, problemas de injustiças*”. Essas questões ultrapassam em muito as relações desportivas, porque, segundo o P3, “*o mundo tem muita injustiça*”. A raiz desse problema está na própria existência humana; como podemos notar na *A República* de Platão (1996:338c) a justiça sofre ataques de Trasímaco: “*Afirmo que a justiça não é outra coisa senão a conveniência do mais forte*”. Cabe ressaltar que Trasímaco

cita o exemplo dos mais fortes - entre outros - considerando as instituições pretensamente democráticas daquela época. Lógico que os filósofos atenienses não deixavam escapar a possibilidade de defender a justiça; podemos citar dois exemplos interessantes como: “[...], na verdade, a justiça é sabedoria e virtude, julgo que facilmente se demonstrara que é mais forte que a injustiça, uma vez que a injustiça é ignorância [...]” (Platão, 1996:351a) e, naturalmente considerando essa sabedoria filosófica, Sócrates sentenciou que “[...] se tivesse de escolher entre praticar e sofrer uma injustiça, preferiria sofrê-la” (Platão, 1992:469c). Não podemos deixar de lembrar que foi por esse motivo que Sócrates, ao sofrer uma injusta sentença de morte, submeteu-se à lei, não aceitando outra coisa a não ser o cálice de cicuta. Que diferença em relação aos nossos tempos e para a maioria de nós (pessoas, comunidades e instituições)!

Cabe-nos saber qual seria a reação dos nossos entrevistados diante da injustiça. Vamos ouvir: “[...] eu não costumo me meter na vida dos outros [...]” (P2); “Já me revoltei muitas vezes mas é... Infelizmente nós é... Nós não vamos conseguir mudar ele [...] por mais que tentemos” (P3). À primeira vista, parece que a posição dos nossos entrevistados é a de “lavar as mãos” para os fatos, entretanto, ao aprofundarmos nossa leitura das entrevistas verificamos: “[...]eu procuro sempre, quando posso, se tiver uma oportunidade, eu tento ajudar aquele que foi injustiçado” (P2); “Agora também se nós pesarmos que não vamos conseguir mudar e não vamos fazer nada... Temos que fazer... Mas a minha atitude é de revolta, de tentar ajudar, [...] e tentar ajudar de outra forma, acho que é isso” (P3). A revolta é, sem dúvida, em relação à injustiça. A possibilidade e o desejo de ajuda são a atitude de quem não se conforma com a injustiça. Esse discurso tem correspondência com a prática desses atletas, como podemos notar, por exemplo, através das atitudes de solidariedade social nas quais eles estão permanentemente envolvidos. Num quadro de injustiça, os nossos entrevistados dão a entender que estão do lado da justiça. Ou, para ser ainda mais radical nesta matéria, temos a implacável visão do P1, quando salienta que gostaria de ser lembrado como uma pessoa:

[...] que sempre enfrentou os problemas e sempre teve a personalidade [...] estejam as coisas certas ou erradas, sempre falar, nunca baixar os braços para as coisas erradas. Eu nunca fui assim. Independente se eu estava num bom momento ou num mal momento, se acho que as coisas estão erradas na minha concepção, eu falo: não interessa se vai doer ou se ele é o presidente, ou se ele é o treinador, ou se ele é rico ou é pobre, eu falo.

Um atleta que gostaria de ser lembrado dessa maneira, é mais do que uma atleta, é um exemplo de compromisso, mesmo em situação de dúvida com a justiça e, para isso, é necessário coragem e valentia, não sucumbir diante da importância da instituição, da pessoa ou das

circunstâncias. Por outro lado, corresponde à educação dos nossos dias ajudar no desenvolvimento da sabedoria referente à justiça. Reboul (2000:14) é de opinião que caso se pergunte “a alguém o que é a justiça, terá, sem dúvida, muitas dificuldades em responder. Mas se lhe perguntar o que é a injustiça, já saberá; porque todos nós encontramos a injustiça sempre e em toda a parte”. Se o valor da justiça encontra-se no ideal de todos serem iguais perante a lei, o Estado e as instituições, então estamos diante de um conteúdo de saber e, portanto, ensinável do qual a educação e a formação humanas não podem prescindir. Faz-nos refletir o fato de que a tecnologia é capaz de conhecer o mundo material e objetivo nos seus mais íntimos detalhes; o átomo já é uma coisa enorme! Como nunca, conhece-se sobre os planetas e sobre o átomo. Entretanto, não conhecemos, ou não nos importam tanto as razões e as causas que nos unem (como a justiça) enquanto humanidade, quanto o que nos separa, nos angustia e nos faz sofrer. Precisamos de uma *tecnologia* que restaure a nossa confiança, a nossa inspiração e o nosso encantamento pela vida individual, coletiva e planetária.

Menos mal que o exemplo vindo do desporto não deixa de ser alentador. Trata-se do que aconteceu com o futebol italiano (que foi largamente tratado pelos meios de comunicação na época): mesmo vencendo a Copa do Mundo de Futebol versão 2006, na Alemanha, os clubes italianos, envolvidos com a maquinação de resultados, foram rigorosamente punidos pela justiça desportiva daquele país. Na punição, intuímos nós, está implícita uma observação de que mesmo os campeões do mundo têm de obedecer à lei. Igualmente, não podemos deixar de lamentar, em consonância com as aflições destacadas pelos nossos entrevistados, que essa disposição da justiça desportiva italiana não é aplicada com o rigor necessário pelos demais órgãos de justiça desportiva em outros países. A justiça desportiva italiana deu um exemplo para todas as instituições, desportivas ou não...

3.6 Modéstia e Humildade

Antes de tudo, devemos salientar que a modéstia, no tempo da Antiga Grécia, era uma virtude que merecia alguns cuidados, como podemos verificar quando Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, 1125a, 25), ao falar a respeito do homem magnânimo, se refere a ela: “as pessoas indevidamente modestas se abstêm mesmo de nobres ações e empreendimentos, julgando-se indignos, e do mesmo modo privando-se dos bens exteriores”. E, quanto ao homem magnânimo, era aquele que não era indevidamente humilde e nem pretensioso (Aristóteles, 2004, 1125a:15); ou seja,

a modéstia e a simplicidade, sem a preocupação de exibí-las, devem ser virtudes naturalmente vinculadas às ações e às palavras sábias.

Entretanto, mesmo que seja dessa maneira, consideramos que tanto a modéstia quanto a humildade e a simplicidade são, para os nossos dias, consideradas como virtudes assim como as pessoas que agem de acordo com elas, são especialmente consideradas como sábias. Além disso, no ambiente do clube desportivo e em particular na equipe de futebol, posso dar o testemunho (pela minha experiência nesse âmbito) de que a maioria dos atletas são realmente pessoas muito simples. Por isso, não é de estranhar que o **P2**, ao se referir a sua maneira de ser e de estar, tenha dito: “*É muito complicado. Vou dizer assim [...], pelo exemplo [...] que as pessoas falam pra mim, né? Humildade e perseverança*”. O simples fato de o atleta ter ficado *sem jeito* para falar sobre si demonstra uma boa dose de simplicidade e, não obstante pareça ser sua a opinião sobre si, quando expõe a forma de se ver, prefere sugerir a opinião de outras pessoas. Ainda nessa direção vemos que o **P1**, embora sendo sincero, ao abordar o mesmo tema, se considera assim: “*Mas também como eu não sou e não fui um jogador de topo*”. Muitos atletas querem ser excelentes e poucos o são; entretanto, somente, em nossa interpretação, os verdadeiros e modestos é que conseguem fazer uma autoavaliação isenta. Conforme nos sugerem Comte-Sponville e Ferry (1998:217), “esses momentos de liberdade, de simplicidade, de serenidade, são os mais belos momentos da palavra” os quais foram aqui expostos na intervenção de **P1** (mesmo sendo um atleta do nível daqueles que participam da Liga dos Campeões), na qual aparece um toque de modéstia e simplicidade.

3.7 Contribuição da aretê e da Paideia para a pedagogia do desporto

Normalmente, os comentários, as análises e as avaliações referentes à tarefa dos atletas desportivos são realizados a partir da falta de aproximação à realidade, pelas considerações realizadas sem o devido cuidado e apuro, pela falta de conhecimento aprofundado sobre o fenômeno desportivo, pela visão que se interessa apenas pelos resultados e pelas entrevistas realizadas pelos meios de comunicação de massa cujo conteúdo é normalmente muito pobre.

Ao oferecermos aos atletas a oportunidade de se manifestar a respeito da sua vida desportiva, notamos que os mesmos possuem uma profunda sensibilidade e sabedoria a respeito das relações (pessoais e interpessoais) que emergem da sua prática desportiva.

Através do esforço e da dedicação – tanto nos treinos como nas competições – para se tornar melhor, mais forte e mais capaz no desempenho desportivo, descobre-se o homem digno e nobre,

concretizando a máxima de Píndaro: homem torna-te quem és (Jaeger, 2003). Aqueles que apenas percebem a tarefa desportiva como fim em si mesma, confundindo os meios com os fins, perdem o foco e a possibilidade de descobrir e considerar o mais autêntico e valor humano: a aretê.

Por outra via, Cousineau (2004) atribuía a Aristóteles uma comparação entre as excelências do corpo e da alma o filósofo de Estagira salienta que a sabedoria da alma tem o seu equivalente físico na perfeição; a justiça da alma tem seu equivalente no corpo que se chama beleza; a coragem da alma se equivale à força do corpo e que a modéstia da alma tem como sua consorte a saúde do corpo. A intimidade e identidade na relação entre o corpo e a alma, realizada por Aristóteles, contrasta com a nossa visão atual, infeliz e limitada, da relação entre corpo, mente e espírito.

Embora os nossos entrevistados, muito provavelmente, não conheçam as reflexões filosóficas de Aristóteles, os valores por eles listados apontam para uma estreita relação entre o desporto e os princípios vinculados à sabedoria, à justiça e à modéstia.

Nos tempos em que a aretê era um atributo dos deuses e que a sua pedagogia era a busca pela elevação do homem (Paideia), os atletas, tanto naquela época como nos dias atuais, se esmeravam na sua conquista: este sim, o mais alto prêmio que alguém pode desfrutar. Na união do homem e do atleta surge a excelcitude de *ser um ser humano*, ou seja, aquele que propõe e faz o *melhor para a sua vida*.

Embora não seja muito comum a realização de uma meditação sobre o extrato axiológico referente à sabedoria – e as demais categorias – no universo desportivo, salientamos que a prática de uma técnica, de um saber e de uma virtude fazem com que o homem e o atleta ampliem a sua sabedoria; os detentores da sabedoria são aqueles que assumem na prática as ações boas e nobres, portanto, virtuosas, ficando evidente que toda forma de virtudes é sabedoria (Xenofonte, 2006).

Por isso, considerando a nossa determinação pedagógica, somos inclinados a interpretar que, por um lado, o desporto possui uma possibilidade educativa e cultural especialmente valiosa, capaz de fincar as bases de uma formação elevada e diversificada, tanto para os jovens como para os adultos de modo pleno e integral: uma autêntica Paideia deportiva.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sabedoria pode ser, como já vimos, interpretada de muitas maneiras. Em nosso trabalho, consideramos a sabedoria como uma virtude do conhecimento, com vistas ao autoconhecimento prático, ou seja, aquilo que diz respeito ao que é bom para o homem e como ele disponibiliza isso

na sua prática. Até porque, foi Sócrates quem sustentou que as ações se constituíam em uma melhor evidência de saber do que as palavras (Xenofonte, 2006). Em outro passo, o filósofo ateniense, com base na raiz da sua sabedoria, considerou que para o *conhece a ti próprio* não era suficiente saber apenas o seu nome; e concluiu ensinando: “[...] os que conhecem a si mesmo sabem que coisas lhes convêm e são capazes de discernir seus próprios poderes e limitações [...] os que sabem o que fazem granjeiam prestígio e honra ao atingirem os seus objetivos” (Xenofonte, 2006). Por sua vez, Aristóteles considerou outras formas de manifestação da sabedoria, entretanto não deixou de incluir a sabedoria prática cujo conhecimento pode se realizar e se identificar com tarefas desportivas, as quais a razão, a inteligência, o sentimento e a reflexão se traduzem na ação prática, isto é, a sabedoria em movimento: um dos postulados da antiga Paideia.

Como os filósofos tratavam de um assunto referente ao homem e à sua prática concreta, e como o desporto é uma prática humana com enorme apelo axiológico, a nossa proposta de investigação buscou estabelecer relações entre as representações do grupo de atletas de futebol profissional e os valores (*aretai*) como sensatez, perseverança, moderação e prudência, justiça e modéstia e humildade, cuja síntese é a própria sabedoria.

Como vimos, há uma especial sintonia entre aquilo que foi manifestado pelos nossos entrevistados e o rosário de valores situados junto à sabedoria. Os atletas, em vários momentos demonstram, embora não sejam filósofos, uma sabedoria que ajuda e orienta suas ações e atitudes, tanto no desporto como nas suas relações interpessoais.

Salientamos que os desportistas consultados ao empreenderem uma busca de aperfeiçoamento e de superação acabam por trilhar um caminho de autoconhecimento e, com isso, são capazes de elaborar um conjunto de ideias, sentenças e palavras que, por intermédio da hermenêutica, foi possível ser analisadas, discutidas e tornadas evidentes, à luz da sabedoria que decorre da sua prática desportiva.

O desporto, na perspectiva da Paideia (processo de elevação e de autoconhecimento) e da *aretê* (valor, excelência e virtude), pode ser cultuado como um importante meio pedagógico cujo padrão deve estar situado junto à ética e à estética na formação desportiva: um aprendizado, um saber, uma sabedoria e as suas demais *aretai*.

Naturalmente, é fácil entender que esse é um desporto que vale a pena ser praticado. Os nossos deuses, antigos e atuais, assim esperam e, neste campeonato, no qual todos somos vencedores, eles serão os principais torcedores e patrocinadores.

REFERÊNCIAS

- Aristóteles (2004). *Ética a Nicômaco*. (P. Nasseti, Trad.). São Paulo: Editora Martin Claret.
- Caeiro, A. (2002). *A Areté como possibilidade extrema do humano*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Campenhoudt, L.; Quivy, R. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Portugal: Grádiva Publicações.
- Comte-Sponville, A.; Ferry, L. (1998). *A sabedoria dos modernos: dez questões para o nosso tempo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida. (2000 out.). *Declaração de Helsinque*. modificada em Edimburgo, outubro/2000)
- Cousineau, P. (2004). *O ideal olímpico e o herói de cada dia*. São Paulo: Mercuryo.
- Ferreira, J. (1996). *Civilizações clássicas I: Grécia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Garcia, R. (2006). *Desporto com Jovens: uma abordagem referenciada à ética*. In: CONFERÊNCIA PROFERIDA NO IV FÓRUM BRASIL – ESPORTE, REDE CENESPE (2006), promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil.
- Garcia, R. (2005). Para una Fundamentacion Antropológica del Deporte y la Educación Física. *Rev. Ciencia de la Actividad Física y del Deporte*. Murcia-Espanha: Universidad Católica San Antonio, 1(2):94-101.
- Jaeger, W. (2003). *Paideia: a formação do homem Grego*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Kenny, A. (2003). *História concisa da filosofia ocidental*. Lisboa: Temas e Debates – Actividades Editoriais Ltda.
- Kitto, H. (1990). *Os Gregos*. Coimbra: Editora Arménio Amado,.
- Lynch, J.; Al Huang, C. (1998). *O Tao da boa forma interior*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Marrou, H. (1969). *História da educação na antiguidade*. São Paulo: Edusp.
- Monteiro, A. O. (1995). *Autoconceito: Auto-imagem e auto-estima de jogadores profissionais de futebol em relação às mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa (Jornal)*. Dissertação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Murad, M. (2006). O Futebol e a sociologia. In: Pereira, A.; Costa, A.; Garcia, R. (Orgs.). (2006). *O desporto entre lugares* (pp. 77-100). Porto: Faculdade de Desporto da UP.
- Pereira, M. (1982) *Hélade – antologia da cultura Grega*. Coimbra: Imprensa de Coimbra.

Platão. (1996). *A República*. (M. H. da R. Pereira, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Platão. (1992). *Górgias*. (M. de O. Pulquério, Trad.). Lisboa: Edições 70.

Platão. (1998). *Ménon*. (E. R. Gomes, Trad.). Lisboa; GEC Publicações.

Platão. (1999). *Protágoras*. (A. P. E., Pinheiro, Trad.). Lisboa: Relógia D'Água Editores.

Reboul, O. (2000). *A filosofia da educação*. Lisboa: Edições 70.

Ricoeur, P. (1989). *Do texto à acção*. Porto: Res Editora.

Savater, F. (2000). *O meu dicionário filosófico*. Lisboa: Dom Quixote.

Vaz, H. (2004). *Antropologia filosófica*. São Paulo: Edições Loyola.

Xenofonte (2006). *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*. (E. Bini, Trad.). São Paulo: Edipro.